

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
MALAMOR / TAINTED LOVE- REALIZADORES CONVIDADOS: JOÃO PEDRO
RODRIGUES E JOÃO
RUI GUERRA DA MATA
COM A BoCA – Bienal de Artes Contemporâneas
7 e 16 de outubro de 2025

Xiao Hai / 1991

(“Rapazes”)

Um filme de TSAI MING-LIANG

Realização e argumento: Tsai Ming-liang / *Direção de fotografia:* Lin Guifeng / *Música:* Yu Guangyan /
Interpretação: Liu Jiqing, Lee Kang-sheng, Gao Jiaxi, Ren Changchen, Lu Yi-ching.

Cópia: DCP, colorida, falada em mandarim e taiwanês e legendada em inglês e eletronicamente em português / *Duração:* 45 minutos / *Sem estreia comercial em Portugal* / *Primeira exibição na Cinemateca.*

We Are Who We Are Ep. 1 – Right Here Right Now / 2020

Um episódio de televisão de LUCA GUADAGNINO, FRANCESCA MANIERI, PAOLO GIORDANO e SEAN CONWAY

Realização: Luca Guadagnino / *Argumento:* Luca Guadagnino, Paolo Giordano, Francesca Manieri, baseado numa ideia original de Paolo Giordano / *Direção de fotografia:* Fredrik Wenzel / *Direção de Arte:* Claudia Granucci, Dario Nolé, Monica Sallustio / *Guarda-roupa:* Giulia Persanti / *Montagem:* Marco Costa / *Música:* Devonté Hynes / *Interpretação:* Chloë Sevigny (Sarah Wilson), Jack Dylan Grazer (Fraser Wilson), Alice Braga (Maggie Teixeira), Jordan Kristine Seamón (Caitlin Poythress), Spence Moore II (Danny Poythress), Scott Mescudi (Richard Poythress), Faith Alabi (Jenny Poythress), Francesca Scorsese (Britney Orton), Benjamin L. Taylor II (Sam Pratchett), Coreu Knight (Craig Pratchett), Tom Mercier (Jonathan Kritchevsky), Beatrice Barichella (Valentina), Sebastiano Pigazzi (Enrico), Vittoria Bottin (Sole), Nicole Celpan (Giulia), Hans Bush (coronel McAunty), Jim Sweatman (coronel Martin), Gene Tramm (diretor da escola).

Produtor: Ron Bozman / *Produtoras:* The Apartment Pictures, Sky Studios, Wildside, Small Foward Productions / *Cópia:* DCP, colorida, falada em inglês e italiano e legendada em inglês e eletronicamente em português / *Duração:* 56 minutos / *Estreia em Portugal:* plataforma *streaming* HBO Max, 14 de setembro de 2020 / *Primeira exibição na Cinemateca.*

Nesta sessão, juntam-se dois casos de cinema feito para o pequeno ecrã. Em **Xiao Hai**, situamo-nos no momento imediatamente antes de Tsai Ming-liang saltar para o grande ecrã. Em **We Are Who We Are Ep. 1 – Right Here Right Now**, situamo-nos num exercitar de diferentes músculos depois de vários anos no grande ecrã. Luca Guadagnino faz, como inúmeros outros realizadores, uma incursão ao mundo da televisão por via de uma plataforma de *streaming* em que explora os temas que lhe interessam ao longo de oito episódios. Ambos os casos são sobre jovens e, no seu âmago, são sobre uma sensação muito adolescente (mas não só): a que afecta personagens que estão à deriva, e como lidam com a solidão num mundo onde o seu lugar não é claro ou preciso.

Xiao Hai

Entre 1989 e 1991, Tsai Ming-liang (**Vive L'Amour**, **Stray Dogs**, **The River**) realizou múltiplos filmes para televisão antes de se aventurar na sua primeira longa-metragem para o grande ecrã, com **Rebels of the Neon God**. Esta estreia, em 1992, conta já com o ator que o vai acompanhar em todos os seus futuros filmes, Lee Kang-sheng. Os dois conhecem-se em **Xiao Hai** e são as suas conversas que inspiram o realizador a fazer **Rebels**. Foi num salão de jogos que o realizador descobriu o ator, um salão de jogos como o que vemos neste filme para televisão, onde as personagens se confundem com os seus atores (dado que os nomes são os mesmo) e a vida real e a vida ficcionada são mescladas. O estilo autoral que Tsai Ming-liang desenvolveu caracteriza-se por longos planos fixos, diálogos minimais e, em suma, um ritmo contemplativo e meditativo. Por muito que **Xiao Hai** seja, em parte, um filme com pendor educacional sobre *bullying*, também transcende essa origem. A estética vídeo dos anos 1990 está bem presente neste filme, onde uma das imagens iniciais é uma passeadeira onde vemos dezenas de miúdos a sair da escola, numa ordenada travessia. Eufóricos por encontrar uma câmara a filmá-los, não se portam como figurantes, pelo contrário, reagem como crianças reagiriam com a sua ingenuidade marota. É depois deste momento em que a realidade irrompe pelo ecrã que mergulhamos numa narrativa que Tsai Ming-liang não quer descolar do que será o dia a dia destes miúdos.

O filme começa por ser do ponto de vista de um deles (Liu Jixin) que anda na escola e faz as coisas normais que as crianças fazem, como ir jogar jogos com os amigos. Até ao momento em que é confrontado com um *bully* (Lee Kang-sheng) que, reparando no dinheiro que o outro tem para gastar de forma lúdica, vê uma vulnerabilidade que está disposto a explorar. O primeiro de vários confrontos é numa casa de banho pública, onde a coragem do rapaz mais novo é perfurada pelo inusitado ataque do *bully* mais velho que lhe incute terror pelo ato de lhe cortar as unhas. Esse ato, uma intimidade forçada que é violenta por ser indesejada, torna-se uma marca física que não é identificada como *agressão*. Ao invés de uma nódoa negra, Liu Jixin fica «apenas» com as unhas cortadas. Esta intimidade forçada é também algo que contribui para a estranheza do momento e para uma sensação de constrangimento que faz o espectador questionar o porquê daquele gesto. O pesadelo transborda para o dia a dia. O jovem rapaz apenas pode confiar no colega de turma protagonizado por Gao Jiaxi, que tenta ajudá-lo de várias maneiras, umas mais bem-sucedidas que outras. A casa de banho como local de vergonha começa a ser sublinhado. É, por um lado, um local de trauma e, por outro, um refúgio, um sítio onde se esconder na escola, para fugir aos olhares de outros alunos (incluindo o amigo) ou adultos.

O filme dá-nos também o ponto de vista de Lee Kang-sheng, a partir do qual vemos uma vida familiar menos abastada e mais desordenada que a de Liu Jixin. O conflito entre Liu Jixin e Lee Kang-sheng não é simples, nem o segundo meramente tratado como vilão, apesar dos contornos mais estereotipados de luta de classes, pela forma como as famílias são retratadas: um tem um núcleo familiar próspero, que fala mandarim; o outro possui uma família numerosa, mas pobre, falando taiwanês. O consolo do rapaz mais velho é, tal como no caso do mais novo, os seus amigos. A sequência da viagem de carro, com o bolo de anos e a canção a três vozes, é uma das cenas mais calorosas do filme, por permitir um momento de alívio em relação à tensão que se vai criando no escalar das interações entre Liu Jixin e Lee Kang-sheng. Um breve momento no filme em que jovens são permitidos ser jovens sem pensar nos sabores da vida. Porém, é rapidamente cortado pelo estúpido atropelamento que um deles sofre. Sentindo (ou dizendo sentir) responsabilidade pela dor do amigo, Lee Kang-sheng tenta encontrar soluções fáceis e em segredo, parecendo não ter

qualquer compunção em continuar a chantagear Liu Jixin ou aterrorizar Gao Jiaxi. Quando se vê numa situação semelhante, alguém mais velho que o chantageia, vemos o romper da luta sem o seu desfecho. Mas nem é isso que muda o comportamento de Lee Kang-sheng. Quando a mãe de Liu Jixin (Lu Yi-ching, que também voltará a surgir no cinema de Tsai Ming-liang) finalmente percebe o que se tem andado a passar com o filho, a narrativa culmina de modo previsível, mas sem perdermos de vista a cara impassível de Lee Kang-sheng, que deixa antever um rio de emoções por debaixo da superfície imperturbável. O que é palpável no filme é a solidão a que estes jovens se circunscrevem pela forma como respondem aos desafios da vida. Seja rodeados pelas caras anónimas da cidade, seja pelos familiares, o que une este dois rapazes é um isolamento que parece cíclico, como se fosse um padrão passado de pais a filhos, sem forma de ser quebrado. No final, mesmo que quebrado o ciclo de abuso, o que fica é a sensação de desgarramento.

We Are Who We Are Ep. 1 – Right Here Right Now

Apresentamos o primeiro episódio de **We Are Who We Are**, um projeto de Luca Guadagnino que surgiu depois de **Call Me By Your Name** (2017) e **Suspiria** (2018) e que estreou durante a pandemia de 2020. Neste primeiro episódio advinham-se as linhas que vão coser a narrativa e que cruzarão os caminhos de Fraser e Caitlin. O cinema de Guadagnino trabalha e gira em torno de temas como a sensualidade, o desejo e mesmo a sexualidade, mas sobretudo a identidade, em especial quando é algo que pode ser considerado fora das «normas» da sociedade, e como isso leva alguém a sentir-se um *outro*, alienado. Nesta série, e neste episódio em particular, esses temas são veiculados através de uma exploração de limites. Neste capítulo preliminar da história prepara-se o terreno e percebemos que vamos seguir um grupo de adolescentes (e adultos) que se encontram a viver numa base militar americana em Itália. E assim começa uma dança sobre fronteiras e dicotomias. As personagens estão em Itália, mas estão também na América. Quando Fraser se queixa «Americans can only be happy in America», Maggie, uma das mães, responde «This *is* America». As personagens vivem num mundo de Schrödinger, simultaneamente uma coisa e outra, ao mesmo tempo na América e na Itália. Isto infiltra-se em características que deveriam ancorar as personagens. Segundo Alan Sepinwall, que escreveu sobre a série na *Rolling Stone*, é esta imprecisão que marca o quão indefinidas são as relações que se estabelecem: «who your parent is and how you should treat each other» (especialmente intrigante no caso de Sarah e Fraser, que parecem ter uma intimidade incomum, mas também falha de limites); «whom you love and whom you only lust after» (esta fica em aberto em relação a todas as interações dos adolescentes, porque é precisamente nesta fase de vida que estas questões, e suas respostas, se colocam); «and how you define your sexuality and/or gender, among many other things» (a análise destas fronteiras colocando-se como o ponto fulcral da relação da florescente relação entre Fraser e Caitlin).

Passamos o episódio com Fraser que, acabado de chegar à base militar, parece desde o primeiro segundo rebelar-se contra todas as suas regulamentações. Isso está escrito desde logo através da forma como Fraser se apresenta, com roupa extravagante (os calções felpudos e quentes no calor tórrido italiano) e colorida, unhas pintadas e um bigode muito leve que insiste em não barbear. Tudo isto em contraste com a rigidez de apresentação do exército como instituição, que apela e sublinha o conformismo. Fraser é um inconformista. Mas Fraser é também solitário e em busca constante de coisas que o anestesiem do mundo, seja a constante audição de música ou o continuado consumo de álcool (no aeroporto, antes de ir para a praia, depois de fugir da praia). O seu isolamento, contudo, parece ser muito voluntário, pois o tempo que passamos com ele durante o episódio é tempo em que o vemos escolher, muitas vezes, estar sozinho ou colocar-se num ponto

alheio às atividades a que se deveria dedicar. Evita participar nos afazeres da sua matrícula na escola, mas explora-a às escondidas; segue Caitlin, mas prefere manter-se à parte; é puxado por Britney para uma ida em grupo para a praia, mas acaba a fugir. A sua mudança para um sítio desconhecido torna inevitável que se sinta desancorado.

Mas não é o único e o episódio mostra-nos pistas sobre o outro ponto de vista que surgirá daí em diante (e que será o ponto de vista do segundo episódio). O olhar de Fraser cai sobre Caitlin quando a vê numa aula. Inicialmente apresentada como pessoa de poucas palavras e sobre a qual pouco é revelado, Caitlin está cómoda no mundo pequeno da base, tem amigos e um namorado e tudo apontaria para o seu conforto. Contudo, Caitlin é tão inconformista como Fraser. Para ele, a questão parece ser «Como me devo comportar neste mundo?», enquanto Caitlin está com preocupações diferentes, nomeadamente identitárias, sobre quem é. Estas questões têm a ver com o género com que se identifica e a rebelião inerente que isso irá representar para os pais, que, adivinhámos, terão uma visão conservadora e regrada que não dará espaço à experimentação, liberdade e compreensão que requiere a situação de Caitlin. Quando Fraser segue o seu rasto até um bar local italiano, percebe que Caitlin se vê (e se apresenta) como Harper. A forma incisiva como ele pergunta depois «How should I call you?» é uma forma de deixar claro que percebe o que se passa e que quer estender uma mão amiga. Este momento breve, que termina o episódio, parece ser Guadagnino a mostrar-nos como estes dois jovens, cada um à sua maneira um *outro*, deixarão de se sentir tão isolados.

Ana Cabral Martins